

ENSINO DE LATIM E EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA: REFLEXÃO SOBRE MATERIAIS E MÉTODO

Prof. Dr. João Batista Toledo Prado

(FCL-UNESP-CAr)

jbtprado@uol.com.br

RESUMO

Revisões críticas de métodos de ensino de línguas antigas têm-se tornado cada vez mais frequentes, em particular quando se trata do ensino de latim, cujos métodos mais recentes propõem atualizações formais e de estratégias didáticas, como, por exemplo, aqueles criados para funcionar em plataformas eletrônicas, instalados em microcomputadores ou acessíveis em sistemas *on-line* através da Internet, e os que pretendem empregar formulações didático-pedagógicas típicas do ensino de línguas modernas, como são os assim chamados métodos calcados na *abordagem comunicativa* do idioma. No Brasil e em particular na Unesp de Araraquara, o ensino de latim conta já há décadas com propostas de descrição e ensino pautadas no aporte de ideias tomadas à Linguística saussureana e pós-saussureana, de que muito se têm beneficiado as línguas modernas, mas não, em geral, as línguas antigas, provavelmente devido a não mais serem atualizadas no presente. Após tantos anos de pesquisa e experimentação do método desenvolvido na FCL-Unesp de Araraquara, este texto proporá discutir alguns dos instrumentos que se mostraram relevantes e necessários para implementar um método de ensino de latim apoiado na *formação linguística* do candidato a latinista, como, por exemplo, a formulação de exercícios e de um dicionário adequados a esse tipo de enfoque e orientação.

Palavras-Chave: conceitos de linguística saussureana; didática do latim; metodologia de ensino; normalização de enunciados; dicionários de latim.

ABSTRACT

Critical reviews of ancient language teaching methods have become increasingly common, particularly when it comes to the teaching of Latin, whose most recent methods propose both formal and didactic strategy updates, such as those developed for electronic platforms, installed on computers or accessible online through the internet systems, and those willing to apply didactic and pedagogical formulations typically used in the teaching of modern foreign languages, as those methods based

on the so-called *communicative approach* to the teaching of Latin. In Brazil, specially at FCL-UNESP-Araraquara, a method for Latin teaching, based on the description and methods of analysis guided by the ideas taken from the Saussurean and post-Saussurean Linguistics, has been developed. The modern language teaching has greatly benefited from modern Linguistics, but not generally the ancient languages, probably due to the fact that they are not spoken in the present. After many years of research and experimentation of the method developed in FCL-UNESP-Araraquara, this text proposes the discussion of some of the necessary and relevant tools to implement a Latin teaching method endorsed by the concepts of Linguistics being acquired by the student of the Latin language, such as the formulation of learning exercises as well as a new dictionary suitable for this kind of approach and orientation.

Keywords: Saussurean Linguistics concepts; teaching of Latin; teaching methodology; utterance standardisation; Latin dictionaries.

Eu sei quem tem composto uma Gramática, pouco diferente da ideia que propusemos, e tem composto outro particular escrito com que se aprende Gramática mais facilmente e em menos tempo, os quais podia publicar para utilidade deste Reino [Portugal]. Dois nossos amigos lhe pediram instantemente que a imprimisse; mas ele desculpa-se sempre com dizer que é mais fácil conquistar um novo mundo, do que despersuadir os Velhos da antiga Gramática.¹

Contam-se já muitos séculos da prática do ensino-aprendizagem de língua latina àqueles que só a podem aprender como língua estrangeira – condição comum a todos os que vieram a estudá-la em período posterior aos presumidos últimos falantes da língua de Roma – daí, a necessidade de revisão dos (quase imutáveis) métodos de ensino desse idioma. Isso já era assim desde pelo menos o século XVIII, quando o humanista português Luis Antonio Verney, radicado na Itália, escreveu e publicou o seu *Verdadeiro Método de Estudar*², em que criticava duramente as formulações e estratégias de ensino adotadas em Portugal para lecionar diversas matérias (entre elas, o Latim), objeto de duas das 16 “cartas” que compõem a obra (são elas as de número II e III)³.

Embora servissem de modo genérico a tantas gramáticas latinas quantas se adotassem até então, suas críticas foram endereçadas à *Gramática Latina* do Pe. Manuel Álvarez, cuja edição primeira datava do século XVI, portanto,

¹ Verney, L. A. (1746) apud GALLEGMO MOYA, 2006, p. 246.

² Trata-se do *Verdadeiro Metodo de Estudar. Cartas sobre Retórica e Poética*. Introdução e notas de M. L. Gonçalves Pires, Lisboa, 1991. A edição original é de Nápoles e traz o título: *Verdadeiro Metodo de Estudar para ser util a Republica e a Igreja, proporcionado ao estilo e necessidade de Portugal, exposto em varias cartas, escritas pelo R.P. *** Barbadinho da Congregacao de Italia, ao R.P. *** Doutor na Universidade de Coimbra*, 2 vols., Nápoles, 1746: informações colhidas passim em GALLEGMO MOYA, 2006, p. 237-246.

³ GALLEGMO MOYA, 2006, p. 240.

cerca de duzentos anos antes de seu tempo. A principal crítica que lhe fazia Verney era a de que o volume de Álvarez era obscuro e grande demais, o que suscitava outras obras menores que a comentassem e explicassem, além de ser escrita em latim uma obra destinada justamente a ensinar latim aos que o desconheciam. Uma de suas críticas mais frequentes e incisivas, porém, recaiu sobre o exagerado número de “regras inúteis – em verso, em prosa latina e em prosa vulgar – e a quantidade de versos arditos em latim que aparecem nessa obra e que o estudante deve memorizar”⁴.

Não é sem mais que o autor estima ser muito difícil persuadir os mestres de então⁵ a adotarem práticas renovadas em seu ensino de latim, o que está demonstrado pelo teor das palavras que dedica ao tema, e que serviram como epígrafe a este texto. Espera-se, ao menos, que os “mestres” e estudantes do início deste século XXI possam experimentar um tempo em que tais resistências já tenham sido há muito vencidas, e em que todos tenham já boa disposição e vontade de sempre rever práticas e avaliar eficácia e pertinência dos métodos empregados.

Como quer que seja, Verney propõe um modo de vencer as dificuldades impostas ao aprendizado de um idioma que, por sua contingência de língua do passado e não mais atualizada no presente, conta, como é natural, com consideráveis dificuldades para o ensino. Tal modo, ele o definiu como segue:

E isto [o ensino da gramática do latim] deve-se fazer com a maior clareza e mais breves regras que se puderem excogitar. O que certamente não se consegue com a Gramática usual; porque não há coisa mais confusa, nem mais cheia de exceções, que a dita Gramática [especificamente a do jesuíta Manuel Álvarez, do século XVI, chamada *De Institutione Grammatica libri tres*].⁶

O método de ensino criado por Lima, cujos princípios são descritos em seu livro *Uma estranha língua? Questões de linguagem e de método* (1995), e cuja prática tem norteado o ensino da língua de Roma nas disciplinas de Latim do Curso de Letras da Unesp de Araraquara⁷, tem como pressuposto básico

⁴ GALLEGO MOYA, 2006, p. 245. Trad. deste autor.

⁵ As críticas de Verney dirigem-se às práticas da pedagogia do latim fundamentalmente em terras portuguesas, mas, por tomar em consideração outras gramáticas produzidas na Europa, seu alcance passa a ser mais vasto e generalizante.

⁶ *Ibidem*; v. também n. 47 à mesma pág.

⁷ Outros materiais que com ele se relacionam diretamente são: a) em matéria de teoria e discussão de práticas pedagógicas no ensino do latim: LIMA, A.D., PRADO, J.B.T. *et alii. Latim: da fala à língua*. Araraquara: FCL-UNESP, 1992; b) uma aplicação prática do método discutido por Lima e voltada ao ensino-aprendizagem propedêutica da língua latina nos Cursos de Letras: PRADO, J.B.T. *Língua Latina I: anotações de aula*. Araraquara: FCL-UNESP, 2007 (versão 2.2, divulgada em meio digital, aos estudantes que iniciam o estudo do latim no Curso de Letras da UNESP-Araraquara).

postura crítica semelhante à de Verney, ou seja, a de que é possível recopilar e reduzir o número de regras essenciais para descrever de modo compreensivo a língua dos antigos romanos. Mais que isso, para Lima, é possível chegar uma tal economia, aplicando certos princípios elementares da Linguística saussureana – como, por exemplo, o de um de seus pilares fundamentais, que é a distinção entre *langue e parole* – para compreender o funcionamento do sistema linguístico do latim por trás da variabilidade mórfica do uso, de tal modo a identificar e separar unidades morfossintáticas em paradigmas de classe, muitos deles invariáveis e agrupáveis em pequeno número, de sorte que o número de unidades a serem controladas por meio de que expediente se deseje – seja a memória, seja outro suporte qualquer – veja-se reduzido a um mínimo de esforço e de recursos.

Tal idéia levou, por exemplo, à identificação de uma unidade de base do sistema da língua latina, apta a funcionar como matriz geradora de unidades lexicais: o *tema*, sobretudo o nominal (mas de existência claramente constatável também na classe dos verbos, o que lhe pressupõe semelhante tratamento descritivo). O tema será, assim, o termo com que se designará uma entidade formal da estrutura linguística, constituída de raiz (ou radical) acrescida de uma vogal, que servirá para classificá-lo em paradigmas sujeitos a receber um conjunto finito e pouco numeroso de morfemas relatores de função gramatical⁸, e que, por essa razão, será chamada *vogal temática* (ex.: *leaena-*, palavra de tema -a-; *oui-*, palavra de tema -i-; *lupo-*, palavra de tema -o-; e assim por diante).

Como nem todas as unidades lexicais da língua latina exibem cabalmente os elementos previstos na formação global do vocábulo, e, de fato, são muito numerosos os itens que não o fazem – ocorrências em que inexistente vogal indexadora do paradigma de classe – nos casos em que venha a faltar essa vogal, dizia-se, o tema será identificado ao radical (ou raiz); vale dizer, tema e radical serão idênticos. Nesses casos, por oposição aos *temas* propriamente ditos – todos vocálicos por natureza e definição – esses itens serão identificados por suas consoantes de fechamento, o que produzirá um *tema*, por assim dizer, *consonantal*.

Quanto à natureza conceitual de semelhante unidade estrutural da língua, aproveitando nomenclatura e descrição sugeridas por Carvalho (1973, p. 596), pode-se definir *tema* como uma palavra puramente semântica,

⁸ Por isso mesmo chamados, na aplicação prática do método de Lima (sc. Língua Latina I: anotações de aula; q.v. nota anterior), morfemas funcionais (mas também seria possível designá-los por casuais, se se pretende fazer referência aos casos latinos de que eles fazem parte e, ao mesmo tempo, indicam); ou, ainda, flexionais, para indicar que funcionam por mecanismo de flexão léxico-vocabular).

isto é, uma palavra teórica, desgramaticalizada, portadora de significado invariável mas que não se identifica plenamente com qualquer das realizações concretas do léxico, muito embora esteja ela presente de forma virtual num dado conjunto de realizações. A *palavra semântica* que é o *tema* é dedutível a partir de seu contraste e oposição com uma palavra lexical, que é uma unidade concreta, completa e funcional do léxico, e em que, por sua vez, estão presentes, virtualmente, palavras semânticas que são os temas. Um tema será, desse modo, uma unidade da estrutura linguística do latim, fato que impõe uma nova abordagem na descrição do idioma latino, bem como – e em decorrência disso – de uma nova forma de organizar as entradas de dicionários de latim, questão que será abordada mais adiante.

O ponto alto da reflexão de Lima, no que respeita à organicidade reclamada pela necessária renovação da didática do latim, e que vai conduzir à proposta de uma solução para fixar elementos do sistema da língua latina, funda-se no privilégio atribuído ao estudo da *forma* que a Linguística, na esteira de Saussure, confere ao estudo das línguas particulares:

[Por oposição a filologia], a linguística, tendo por objeto a forma, aquilo que em cada realização pode ser transferido na qualidade da competência criativa, por outras palavras, aquilo que é o sistema interiorizado de regras que cada locutor possui e lhe permite produzir em número não limitado de enunciados dessa mesma estrutura, quer por simples reiteração aleatória, nos discursos, dos mesmos esquemas frásicos, quer por recursividade.⁹

No que respeita à recursividade, será ela estimulada através de exercícios de reenunciação de enunciados escritos em latim, produzidos por legítimos falantes do idioma, que foram os autores latinos. Tais reenunciações tornam-se necessárias à correta aprendizagem dos elementos do sistema, identificados e explicados conforme os princípios requeridos pela abordagem linguística da descrição do idioma, bem como a sua sedimentação pelo uso, trabalho empreendido por parte do estudante. Cumpre acrescentar que, embora haja que se reconhecer a existência de vários latins (i.e., os que emergem de diversos gêneros literários e, sobretudo, produzidos nas várias sincronias do idioma),

⁹ LIMA, 1995, p. 114. Nessa passagem, a partir da oposição metodológica, teórica e de objeto entre filologia clássica e linguística saussureana, Lima funda seu argumento definitivo para o emprego de textos latinos legítimos no ensino-aprendizagem do latim, legitimidade verificável na condição de cada autor antigo como falante nativo do idioma de Roma; ao fazê-lo, também “une pólos opostos”, por assim dizer, numa elegante proposta de reencontro entre ambas disciplinas, uma vez que quede claro o lugar ocupado por cada uma no processo. A irreconciliabilidade entre elas, de que ali fala Lima, é questão de método, objeto e teoria, mas não de “produto”: o texto recuperado pelo filólogo é o terreno sobre o qual se debruça o linguista e, por conseguinte, o professor de latim na preparação de seu material didático.

da perspectiva de quem trabalha qualquer aspecto linguístico, mesmo que de idiomas modernos, o latim que serve de suporte e veículo à cultura dos antigos romanos é aquele cujas falas só chegaram aos tempos modernos através dos textos que o melhor trabalho filológico foi capaz de recompor e apresentar.

Assim sendo, não há senão que começar por eles, o que implicará sempre um recorte na linha do tempo, o que privilegiará determinada sincronia; o ensino do latim clássico já determina qual seja tal sincronia: o dos textos produzidos no período chamado *clássico* da literatura de Roma antiga. Ainda assim, o campo de escolha é demasiado amplo, por isso, não é ocioso sublinhar que é bem razoável conceber que o melhor começo seja empreendido por aqueles textos que, embora investidos de graus variados de outros níveis possíveis de leitura – *sc.* retórico, poético, político, filosófico etc. – remetem, pelo menos em seu nível mais superficial e imediato, a significados e sentidos o mais possível concretos, para não sobrecarregar o esforço de abstração que se supõe o aprendizado de toda e qualquer idioma já requiera. Dessa forma, e procedendo de forma a pensar numa progressão metodológica que se inicia sempre com aquele aluno que deve aprender as primeiras oposições estruturais do sistema dessa língua antiga, podem ser tomados a cada vez pequenos textos, como, por exemplo, o de Fedro, II, 1, 1-2 conforme segue:

Super iuuenicum stabat deiectum leo.
Praedator interuenit partem postulans.¹⁰

Sobre um novilho abatido
deitado estava um leão.
Um caçador interveio,
dele querendo uma parte.¹¹

Seguindo a proposta, um pequeno texto como esse, tomado aleatoriamente da obra do célebre fabulista latino, poderia produzir um resultado de real interesse de emprego linguístico, mas só no limite do que é dado simular de falas latinas legítimas, ou seja, daquelas que tenham sido enunciadas no longínquo passado em que o latim era língua materna de romanos e romanizados, bem como língua de comunicação oral dos aculturados e colonizados, de modo a permitir que nele se expressasse, por exemplo, esse escravo liberto da Macedônia, dela tornado senhor, que foi Fedro, de tal forma que tal maestria lhe permitiu vir a ser o maior dentre os fabulistas latinos. Em outras palavras, propõe-se que esse pequeno texto seja recortado por um aparato interrogativo de pronomes, advérbios e locuções, a fim de conferir-lhe estatuto de simulacro de comunicação oral, mas com o propósito de explicitar, analisar e sedimentar aquele sistema de flexões nominais do latim, a que a

¹⁰ PHAEDRUS, 1969.

¹¹ Trad. do autor, em redondilha maior.

tradição atribuiu o nome *declinação*. Logra-se isso, por exemplo, da forma como sugere o já citado Lima (1995, p. 128-9), e cujo exemplo, atualizado neste texto, pode ser acompanhado a seguir, na reelaboração interrogativa dos enunciados constantes do pequeno texto de Fedro¹², que formam um singelo, porém não por isso menos eficiente diálogo:

Quis super iuuenicum stabat?	<i>Leo [super iuuenicum stabat]</i> ¹³
Quomodo stabat leo?	Super iuuenicum deiectum [stabat leo]
Quomodo iuuenicus erat?	Deiectus [iuuenicus erat]
Quid agebat leo?	Stabat super iuuenicum deiectum [leo]
Quis interuenit?	Praedator [interuenit]
Quid praedator agebat?	Praedam postulabat [praedator]
Quid postulabat praedator?	Praedam [postulabat praedator]
Quid praedator egit?	Interuenit [praedator]

Com tal procedimento, auferem-se ambas as vantagens há pouco apontadas, sem o desdouro de cometer falsidades ideológicas sobre o que se conhece da Roma antiga, e isso é assim porque a matéria do discurso simulado será tomada de um recorte referencial referendado pela cultura e por um de seus lídimos e competentes usuários. Assim, a *performance* equivalerá, aqui, à recorrência estimulada, de sorte que, dedutiva e paulatinamente, se chegue à *competência* desejada¹⁴.

¹² Lima indica esse mesmo procedimento na passagem referida, valendo-se, porém, de outra passagem de texto latino (extraída do *De agri cultura*, de Catão).

¹³ Os colchetes pretendem indicar, aqui, a porção de enunciado que pertence à “resposta completa”, ou seja, àquela porção do enunciado que retoma e refaz os mesmos componentes morfosintáticos já contidos no enunciado interrogativo. Fora dos colchetes, portanto, figura a “resposta essencial”, ou seja, o termo ou sintagma sobre o qual recai a interrogação inicial e que é seu alvo principal.

¹⁴ O conceito gerativo de competência é uma concepção dinâmica do conceito saussureano de língua, que, por isso, passa a ser concebida não mais como estado, mas já como processo. O aspecto competência encara a língua como a instância responsável pela capacidade de, a partir de um conjunto finito de regras – sua gramática – codificar e decodificar um número potencialmente infinito de enunciados. Desse ponto de vista, que é mais sintagmático que paradigmático, a performance é entendida como a atualização desse processo, ou seja, é o fazer que, de fato, produz os enunciados de forma potencialmente inesgotável (cf. GREIMAS, A.; COURTÉS, A., 1983, p. 61-4, s.v. Competência).

Enfim, há que se refletir em que um método se escolhe e torna-se adequado ao momento e ao sujeito propiciados por cada situação, mas sempre de acordo com certos pressupostos mínimos de observância a dados históricos e culturais que podem ser determinantes para uma dada contingência linguística, como é o caso do latim na contemporaneidade. Tudo o mais é possível ensinar.

Embora para o projeto de aprender um idioma concorram vários fatores, costuma-se admitir que nada substitui a motivação pessoal, com a qual se superam barreiras e se vencem obstáculos, motivo pelo qual se admite que, a isso, se submetem os métodos de ensino. Assim também se torna válida sua recíproca: sem a concorrência da vontade, nem o melhor método já concebido para uma dada situação poderá aplacar eventuais descontentamentos e produzir o conhecimento linguístico e a competência textual e discursiva que ele pretende gerar, pois, dessa forma, valerá para o estudante – qualquer estudante – o que Apuleio afirma a respeito de certo jovem que, tendo perdido os pais, foi criado por um tio, de quem sofreu uma deletéria influência, a ponto de só falar cartaginês, apenas “arranhar”, a custo e por reminiscências da influência materna, algumas poucas palavras em grego e, principalmente, a despeito de viver numa província tributária da Roma imperial, não ser capaz nem mesmo de desejar aprender a falar latim¹⁵.

Assim, ao estudante das séries iniciais de latim bastará apresentar tais dados, organizados desta ou de maneira ainda mais sintética e em que se insista ainda mais na unidade formal que as flexões exibem entre si, com o fito de evidenciar as matrizes temáticas dos itens lexicais e estudar-lhes o sistema mórfico-declinatório, de modo a levar os estudantes a perceberem as regularidades subjacentes à aparente diversidade mórfico-flexional, como se empreende, por exemplo, na descrição do sistema desinencial do nome latino, contido nas lições da aplicação prática das lições teóricas de Lima (1995), que vem a ser o método *Língua Latina I – Anotações de Aula* (PRADO, 2007).

Já no que respeita aos dicionários de uso do latim, as entradas, responsáveis pela indicação e descrição de todas as classes flexionais, quais sejam, pelo menos a dos nomes substantivos e adjetivos, bem como a dos verbos¹⁶, precisam ser revistas e reelaboradas, de modo a abandonar a tradicional (porém de todo arbitrária) descrição – praticada pela forma do nominativo singular, em geral

¹⁵ Cf. APULEYO, *Apologia*, 98: *Loquitur nunquam nisi Punice et si quid adhuc a matre graecissat; enim Latine loqui neque uult neque potest*. “Ele nunca fala senão cartaginês e, se ainda sabe algo de grego, veio da mãe; de fato, não sabe nem quer aprender falar em latim.” (Trad. e grifos do autor deste artigo).

¹⁶ Os verbos não se incluem, é óbvio, nos mesmos paradigmas flexionais dos nomes, embora funcionem a partir do mesmo sistema de flexão alternante (morfemas distribuídos em conjuntos de “conjugações”, com variantes de modo-tempo e pessoa-número) em base semântica estável (tema). É oportuno mencionar que se excluíram desse rol os pronomes porque,

seguida da porção radical de cada item, terminada pelo morfema de genitivo singular – em favor de uma forma mais consentânea à realidade e natureza estrutural do sistema da língua latina.

Como se sabe, esse método de composição do lema ou entrada dos itens lexicais, constantes da totalidade dos dicionários de latim, foi adotado devido à observação da existência do fenômeno declinatório nesse idioma antigo.

Uma das implicações lógicas da *declinação* (note-se que as gramáticas tradicionais de latim empregam esse termo sempre no plural para etiquetar grupos de variações formais, o que gera uma confusão entre níveis descritivos, já que a declinação é propriedade da *língua* latina, ao passo que as variantes morfológicas são dados do *uso* do idioma), por exemplo, é que os termos do léxico não podem ser evocados por uma única configuração morfológica estática, já que tais configurações assumirão formas variadas de acordo com o valor expressivo que um termo tiver em relação ao contexto frasal em que vier a ocorrer. Em razão disso – e segue-se, aqui, a solução para a questão declinatória, sem a necessidade de adotar convenções distantes da realidade sistêmica do latim – haverá a necessidade de elencá-los através de uma unidade abstrata estrutural, vale dizer, o *tema*, virtualmente presente em cada realização sua.

Idealmente, os dicionários de latim deveriam estar organizados dessa maneira. Em termos históricos, no entanto, ocorreu que somente foi possível chegar a semelhante concepção depois do advento da Linguística moderna e, logicamente, muito tempo depois de terem sido organizados os primeiros dicionários de latim, que fundaram uma tradição perpetuada após as primeiras práticas adotadas e reproduzidas ao longo dos séculos. Por esse motivo, e também devido ao fato de já os gramáticos latinos terem fixado uma das formas desinenciais – a de nominativo singular – para figurar como *lema* (rótulo) formal dos nomes e pronomes, os dicionários de uso da língua latina convencionaram descrever tais entradas por meio da forma de nominativo

por pertencerem, ao mesmo tempo, às dimensões textual e discursiva da língua, deveriam ter tratamento privilegiado, compatível com seu papel de agentes coesivos e articuladores de sentido. Além disso, constituem uma classe de itens em que o uso tanto mesclou variantes morfológicas, oriundas de temas nominais – aqueles em -o/-a- e também -i- – como também conservou flexões de sincronias anteriores àquela do período clássico (e.g., o morfema *-ius*, relator de genitivo singular); para uma discussão mais detalhada desse tópico, q.v. PRADO, 2013. A solução será, por exemplo, proceder à descrição deles por meio de macro-lexias, de forma a que todas as variantes morfológicas possíveis fossem assinaladas em entradas independentes, para, por mecanismo de remissão, apontarem o signo de cobertura lexical máxima – a ser consignado, idealmente, pelo tema, como o deveriam ser, aliás, todos os signos latinos de categorias flexivas, devido à natureza declinatória do idioma. Um tal signo comportaria a descrição dos traços sêmicos mais relevantes, sem dispensar, no presente caso, ponderações acerca de seu emprego, sem as quais a descrição dicionarizada dos pronomes, dado o seu caráter único dentro dos sistemas linguísticos, quedaria incompleta e, portanto, estéril.

singular, seguida de uma porção do tema da palavra, flexionada no caso genitivo – é preciso refletir sobre a absoluta casualidade da espantosa conveniência de que os morfemas do genitivo singular tenham sido manifestados, pelo uso do idioma latino, com diferentes substâncias da expressão, na quase totalidade dos paradigmas temáticos – a fim de que o usuário pudesse identificar e deduzir intuitivamente o tema do signo em questão (esse é o caso, p. ex., de *lupus*, -i, s.m., “lobo”, que serve a identificar o grupo temático -o-, por oposição, por exemplo, a *manus*, -us, s.m., “mão”, que identifica o grupo temático -u-).

Por essa razão e em respeito: a) ao sedimentado hábito de consulta dos dicionários de uso do latim; b) à forma histórica com que gramáticos latinos pensaram a *lematização* dos itens nominais do léxico; c) ao fato de que, em geral, as formas de nominativo singular podem apresentar diferença considerável em relação ao tema mais produtivo de cada termo, existe uma vantagem estratégica em que cada item nominal do léxico seja descrito também por meio da forma de nominativo singular, como o fazem correntemente os dicionários de latim, porém, de forma diferente da deles, cada entrada no nominativo deveria ser seguida de elemento indicador de seus temas e/ou radicais próprios, da seguinte forma:

1. para os temas vocálicos, com o nominativo singular seguido de vogal temática. Por exemplo: *ancilla* (-a-), s.f.: “criada”; *acies* (-e-): s.f.: “ponta, gume”; *ovis* (-i-), s.f.: “ovelha”; *dominus* (-o-), s.m.: “patrão”; *manus* (-u-), s.f.: “mão”, etc.;
2. para os temas consonantais (“temas” que equivalem aos radicais), nominativo singular seguido do tema (radical) propriamente dito. Por exemplo: *princeps* (príncēp-), s.m.: “príncipe” (o primeiro cidadão à frente do governo, como ensinam os melhores dados filológicos, relacionados em dicionários de uso e manuais de cultura romana); *miles* (milēt-), s.m.: soldado; *dux* (duc-), s.m., “general”; *plebs*¹⁷ (pleb-i-), s.f.: a plebe romana; *fraus* (fraud-), s.f.: engano, trapaça; *rex* (reg-), s.m.: rei; e assim por diante.

¹⁷ Está claro que *plebs* e assemelhados merecem tratamento descritivo diferenciado, já que: a) de acordo com dados de fonética histórica, sabe-se ter sido pronunciado *pleps* – forma, aliás, atestada em fontes escritas (p. ex.: em Sal., Rep. 1.7.2; em Liv., A.V.C., III.27; em inscrições, como no C.I.L. II.34.53, etc.) – porque, em latim, quando um fonema sonoro é seguido de outro surdo, acaba por ter seu traço sonoro neutralizado, o que resulta no surgimento de seu homorgânico surdo (dessa forma, o fonema /b/ passa a /p/ em presença do /s/ de nom. sg.). Em algumas sincronias do latim, *plebi-* foi empregado como vocábulo de tema -i-, fato atestado pela forma do genitivo plural *plebium* (cf. ERNOUT, 1974, p. 39 para o ensurdecimento do fonema sonoro; também p. 37, para o gen. pl. -ium). A fim de registrar a flutuação da vogal temática -i-, que sofreu síncope sistemática na forma de nominativo singular, a adoção de uma forma convencionalizada na descrição do tema bastará para indicar esse e demais fatos correlatos,

Uma possibilidade alternativa e complementar a tal sistema de descrição léxico-vocabular consiste em registrar a forma alotemática dos itens lexicais que tenham sofrido “erosão” fonética ao longo da sucessão das várias sincronias do latim, de tal forma a assinalar tais variações mórficas diretamente na informação do tema que vem descrita entre parênteses, por exemplo desta forma: *princeps* (princĭp-), s.m.: “príncipe”; *miles* (milĭt-), s.m.: soldado; *caput* (capĭt-), s.n.: cabeça; *corpus* (corpŭr-), s.n.: corpo; *uellus* (uellĕr-), s.n.: velo, tosão, e assim por diante. Tal procedimento descritivo também representa uma útil estratégia para a descrição funcional do dado léxico-vocabular a ser controlado pelo estudante propedêutico do latim, já que a possibilidade de incidência textual do alotema, dessa forma indicado, é potencialmente muito superior à do tema histórico inicial (presente, de modo geral, apenas na forma de nominativo singular), embora, a rigor, o melhor procedimento – porque mais consistente e embasado nos dados tornados disponíveis pelo esforço da melhor filologia – consiste em indicar **apenas o tema nos dicionários de latim**, subministrando e ensinando os (relativamente poucos) dados de transformação fonética, que os fizeram evoluir até as formas “desviantes” (a maioria presente no nominativo singular), com que frequentam os textos do período clássico do idioma da Roma antiga.

Sublinhe-se também que, sobretudo nos temas consonantais, suas formas rádico-temáticas, ou seja, aquelas que, na proposta de lematização aqui veiculada, figuram entre parênteses, são as que maior probabilidade têm de ocorrer nos enunciados, simplesmente porque o número de formas que é possível gerar a partir delas é muito superior à da ocorrência do nominativo singular, numa razão de, aproximadamente, 9:2 (nove formas rádico-temáticas para cada duas de nominativo singular), aí computadas as formas de singular e plural dos cinco casos funcionais do latim, descontada a forma do nominativo singular ($2 \times 5 = 10 - 1 = 9$), bem como a forma do nominativo singular das palavras de gênero neutro, porque se reduplicam no acusativo singular ($1 \times 2 = 2$).

Por último, resta observar que, à semelhança de como se procedeu neste artigo com a seleção e exemplificação de certo conjunto de itens vocabulares, o léxico *de base* com que deve trabalhar um método de latim deve, idealmente, ser constituído a partir do conceito de *investimento lexical mínimo*, a ser

por exemplo, desta forma: *pleb-i-*, ou seja, com o destacar a vogal temática da raiz por meio de hífen. O caso de *pleb-i-*, entretanto, é algo particular, porque, a partir de determinada época, o tema cindiu-se nas variantes *plebe-/pleb-i-* (*ibid.* p. 68). Sendo assim, os casos mais típicos e que melhor ilustram tal fenômeno pertencem ao grupo dos antigos temas -i- que sofreram síncope da vogal temática nas flexões de singular (e que deveriam vir representados da forma como aqui se indica), como, p. ex.: *ment-i-* (nom. sg. *mens*); *mort-i-* (nom. sg. *mors*); *part-i-* (nom. sg. *pars*), etc. (*ibid.* p. 55).

incrementado pouco a pouco, no decorrer das lições. O fundamento para sua constituição e incremento deverá proceder da fonte textual escolhida para a formação da propedêutica do latim. Dessa forma, se a seleção do(s) texto(s) inicial(is) for balizada pelo critério de menor índice de abstração, em favor da maior concretude de situações narradas, de modo a não provocar dispersão de esforço do aluno que inicia seus estudos em latim¹⁸, o vocabulário das seções do material deverá ser constituído por itens que frequentemente e integrem o *corpus* escolhido e ser incrementado aos poucos e na medida da introdução de novos níveis da descrição gramatical, que solicitarão, por consequência, uma natural expansão dos dados léxicos com os quais trabalhe o estudante, sob a supervisão do professor de latim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APULEYO. *Apologia o discurso sobre la magia en defensa propia (Apuleii apologia siue pro se de magia liber)*. Introducción, traducción y notas de Roberto Heredia Correa. Ciudad de México: UNAM, 2003 (Biblioteca Scriptorum Graecorum et Romanorum Mexicana).
- BRUNO, H; DEZOTTI, J.D.; FIORIN, J.L.; LIMA, A.D.; PRADO, J.B.T. *Latim: da fala à língua*. Araraquara: FCL-UNESP, 1992.
- CARVALHO, José G. *Teoria da linguagem. Natureza do fenômeno linguístico e a análise das línguas*. Coimbra: Atlântida, 1973. Tomo II.
- ERNOUT, A. *Morphologie historique du latin*. 3^{ème} ed. revue et corrigée. Paris: Klincksieck, 1974.
- GALLEGO MOYA, E. La enseñanza del latín en el *Verdadero metodo de estudiar* de Verney. In: E. CALDERÓN, E.; MORALES, A.; VALVERDE, M. (eds.). *KOINOS LOGOS. Homenaje al profesor Jose García Lopez*. Murcia: Universidad de Murcia, Servicio de Publicaciones, 2006. 2 v. p. 237-246. v. 1.
- GREIMAS, A.; COURTÉS, A. *Dicionário de semiótica*. Trad. A. D. Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1983.

¹⁸ Convém, neste ponto, sinalizar que NADA impede, a rigor, que seja escolhido qualquer texto latino, desde que, pelas razões já apontadas anteriormente, a seleção seja feita com base no critério de legitimidade linguística do autor que o escreveu, pautada na condição de ter sido ele falante de latim, por oposição, por exemplo, àqueles que o aprenderam nos bancos da escola e que já não se exprimiram nesse idioma como língua natural de comunicação, mas, se o fizeram, foi como resultado de convenção comunicativa adotada em determinados momentos da história. Esse, sem dúvida, será também um dos "latins" de que se dispõe, mas um outro, cuja alteridade e natureza não chegam a qualificá-lo para servir de base ao estudo do idioma dos antigos romanos e latinos, embora ele possa oferecer, é claro, outros interesses que motivem estudos de outras ordens, em momentos posteriores ao do estudo propedêutico desse idioma.

- LIMA, A. D. *Uma estranha língua? Questões de linguagem e de método*. São Paulo: EdUNESP, 1995.
- PHAEDRUS. *Fabulae Aesopiae Phaedri Augusti Liberti Liber Fabularum*. A. Guaglianone (ed.), 1969. In: *PHI 5.3. Latin texts and Bible versions*. The Packard Humanities Institute, 1991. CD-ROM.
- PRADO, J.B.T. *Língua Latina I - Anotações de aula*. Araraquara: FCL-UNESP, 2007 (versão 2.2: texto em meio digital).
- PRADO, J.B.T. El sistema pronominal latino: su descripción y cómo enseñarlo. In: SALAS, O. D. A; VALENCIA, A. V. (Org.). *Cultura clásica y su tradición: balance y perspectivas actuales*. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2013, v. 1, p. 427-438.